



O MÍTO DA DONZELA- GUERREIRA NA NARRATIVA DE ALINA PAIM

THE MYTH OF THE WARRIOR MAIDEN IN ALINA PAIM'S NARRATIVE

Marcio Carvalho da Silva¹

Resumo: Em *A sombra do patriarca* (1950), a romancista Alina Paim, retoma o mito da donzela-guerreira, atualizado em Raquel, protagonista da obra. Na narrativa, a personagem é descrita como uma jovem normalista, cujas atitudes e convicções estão à frente das demais mulheres do seu tempo, na contramão das normas patriarcais. Suas ações e palavras, confrontam o padrão feminino pré-estabelecido para a época em que acontece o fato narrado, isto é, o Nordeste rural de 30, resistindo a qualquer situação que lhe parecia uma subordinação, combatendo com atos e palavras a opressão masculina. Desta forma, pode-se associá-la ao mito da donzela-guerreira, teorizado por Walnice Nogueira Galvão e atualizado por Edilene Ribeiro Batista. Após análise, confirmou-se a hipótese inicial deste artigo, ou seja, Alina Paim retoma o mito da donzela-guerreira, revitalizando-a na contemporaneidade.

Palavras-chave: donzela-guerreira, feminino, Alina Paim.

Abstract: In *The Shadow of the Patriarch* (1950), the novelist Alina Paim revisits the myth of the warrior maiden, updated in Raquel, protagonist of the work. In the narrative, the character is described as a young elementary school teacher, whose attitudes and convictions are ahead of the other women of her time, against the patriarchal norms. Her actions and words confront the pre-established feminine pattern for the time when the narrated fact occurs, that is, the rural Northeast of the 30's, resisting any situation that seemed subordination, combating with acts and words male oppression. In this way, one can associate it with the myth of the warrior maiden, theorized by Walnice Nogueira Galvão and updated by Edilene Ribeiro Batista. After analysis, the initial hypothesis of this article was confirmed, that is, Alina Paim revisits the myth of the warrior maiden, revitalizing it in the contemporary world.

Keywords: warrior maiden, female, Alina Paim.

¹ Coordenador de disciplina do CESAD – UFS. Mestre em Letras pela Universidade Federal de Sergipe (2017), e-mail: mcletras@gmail.com

Introdução

Esta pesquisa tem como objetivo analisar os pontos de adequação e afastamento do mito tradicional da donzela-guerreira no romance *A sombra do patriarca* (1950), de Alina Paim. A seleção do romance em tela deveu-se às várias semelhanças entre a protagonista Raquel e o mito da donzela-guerreira, embora levando em consideração o fato de estarem inseridos em contextos sócio-históricos distintos. Na obra em tela, a personagem central é uma jovem normalista de 19 anos, cujas atitudes e convicções estão à frente das demais mulheres do seu tempo, na contramão das normas da sociedade patriarcal. Suas ações e palavras, confrontam o padrão feminino pré-estabelecido para a época em que acontece o fato narrado, resistindo a qualquer situação que lhe parecia uma subordinação.

O leitor ao entrar em contato com o texto de Paim, nota que *ASP*² é uma narrativa autodiegética, ou melhor, o relato das experiências vividas pela personagem central, Raquel, nas terras do seu tio Ramiro, um rico latifundiário, a quem chama de ‘patriarca’. No entanto, a narrativa logo se complica e se faz revolucionária em conteúdo, pois na obra se constata o tema defendido por Benedito Nunes (2009), concernente à volta do mito na ficção brasileira, uma vez que Alina Paim em sua escritura “mostra que o repentino renascimento do mito no século XX é fruto da ressaca do realismo tradicional e deve-se, em parte, ao novo enfoque apologético do mito como princípio eternamente vivo” (CARDOSO, 2011, p. 4). Merece destaque também na narrativa “as falas de suas personagens sedentas por justiça e igualdade de direitos tanto no cotidiano da família patriarcal como no espaço de trabalho” (GOMES, 2014, p. 32). Ainda de acordo com Gomes (2014), *ASP* traz a força da escritora comunista, mulher transgressora, cujo compromisso foi evidenciar a exploração dos trabalhadores e a violência no espaço privado.

Mito e literatura

Afinal, O que é mito? Etimologicamente o mito é uma narrativa simbólico-imagética, ocorrida nos tempos primordiais *in illo tempore*, no

² Doravante será utilizada a sigla *ASP* a fim de referir-se à obra *A sombra do patriarca*.

momento em que, a partir da interferência de entes sobrenaturais, explicando e/ou demonstrando com base na ação e forma de ser das divindades a origem das coisas (ELIADE, 1972). Mito é entendido, pois, segundo o referido mitólogo, como narrativa de criação: conta-nos o modo de algo, que não era, começou a ser. Na concepção de Nunes (2009, p. 2009) “O mito seria um conto ao qual não se pode atribuir um autor determinado ou que teria inúmeros autores sem identidade pessoal”.

O mito não é uma simplória narrativa ou um compêndio de histórias orais das sociedades ágrafas, ele traz consigo a voz da coletividade, conforme defende Nunes, difundido por um sem número de autores, onde costumes, ritos, crenças e valores manifestam-se de forma simbólica. Um verdadeiro universo de simbologias presentes tanto na vida do homem primitivo como parte do seu cotidiano, dos antigos gregos e seus oráculos, sibilas e poetas, como no contexto do homem moderno, pois os símbolos eternos são reatualizados e ressignificados por narradores, a exemplo de Alina Paim; este ‘mito vivo’ no entender de Eliade (1972, p. 6) “fornece os modelos para a conduta humana, conferindo, por isso mesmo, significação e valor à existência”.

De fato, conforme defende Eliade (1972), os mitos demonstram, seja pelas ações ou o modelo exemplar da origem do mundo, dos humanos, dos heróis, dos animais, da agricultura, dos sentimentos, da relação entre os gêneros, as ciências, enfim, as manifestações culturais da humanidade. Seria demasiadamente longo discorrer sobre as áreas de atuação do mito na cultura e história universal, pois como já exposto pelo teórico acima, o mito faz parte desde as religiões até as descobertas tecnológicas. Portanto, a fim de melhor discutir sobre a temática proposta, será abordada a relação entre mito e literatura, considerada essencial neste estudo, pois Cardoso (2008, p. 133-134) defende que “as narrativas revivificam os mitos tradicionais, capazes de exprimir verdades subjetivas através da linguagem simbólica”.

A relação entre mitologia e literatura é antiga e remete à literatura clássica grega, segundo o crítico literário Northrop Frye (2000, p. 28), “o mito é e sempre foi um elemento integrante da literatura, o interesse de poetas pelo mito e pela mitologia tem sido notável e constante desde a época de Homero”. Como se vê, a relação entre mitologia e literatura, seja em sua manifestação oral ou escrita, se perde ao longo dos tempos em distintas civilizações e culturas. Primeiro como histórias míticas narradas nas primitivas sociedades tribais, a fim de

relatar as experiências em torno do sagrado e fenômenos desconhecidos, a exemplo da criação. Já em sua forma escrita o entrelaçamento entre mitologia e literatura propicia aos narradores meios para relatar as experiências mais íntimas dos seres humanos a partir de imagens arquetípicas universais. Assim, descreve Frye (2000, p. 40), “um mito pode ser contado e recontado: pode ser modificado ou elaborado, ou padrões diferentes podem ser descobertos nele”.

Explorando o mito da donzela-guerreira

O tema da personagem feminina que se disfarça de homem para ir à guerra (tanto na História ou ficção), destacando-se por ações e palavras em lugares onde vigora a cultura patriarcal é recorrente na literatura, cultura e mitologia em distintas civilizações – vê-se desde Palas Atena na Grécia Clássica, Mu-lan no Oriente, a europeia Santa Joana d’Arc, Maria Moura no árido Nordeste até a Raquel de Alina Paim, na luta contra o patriarcado, pois, a personagem Raquel, com base em seus atos e ações aponta para a referência às heroínas míticas.

São muitas as narrativas que vivificam os mitos tradicionais. A esse respeito, afirma Mircea Eliade (1972, p. 6), esse mito “vivo no sentido de que fornece os modelos para a conduta humana, conferindo, por isso mesmo, significação e valor a existência”. No ensaio *O ciclo da donzela-guerreira* (1981), depois ampliado no livro *Donzela-Guerreira – um estudo de gênero* (1998), Walnice Nogueira Galvão ilustra algumas delas, donzelas-guerreiras em sua figuração tradicional, estas mantêm os seguintes traços arquetípicos:

Ei-la que surge a nosso lado em carne e osso, qual Mu-lan, a chinesa do século V, indo à guerra para substituir o pai na guerra contra os tártaros para substituir o velho pai carente de filho. [...] Invoque-se Santa Joana D’Arc, Palas Atena, Parvati ou Iansã, a que roubou o raio de dentro da boca de Xangô tornando-se senhora das tempestades e das mulheres de cabeça forte, a padroeira de todas elas nunca falta em qualquer panteão. Essas personagens frequentam a literatura, as civilizações, as culturas, as épocas, a História, a mitologia. Filha de pai sem curso de mãe, seu destino é assexuado, não pode ter amante nem filho. Interrompe a cadeia das gerações, como se fosse um desvio do tronco central e a natureza a

abandonasse por inviabilidade. Sua potência é para trás, para o pai; enquanto ela for só do pai, não tomará outro homem. Mulher maior, de um lado, acima da determinação anatômica; menor, de outro, suspensa de acesso à maturidade, presa ao laço paterno, mutilada nos múltiplos papéis que a natureza e sociedade lhe oferecem (GALVÃO, 1981, p. 8).

Galvão acima faz uma alusão aos diversos mitos da mulher que usurpa o poder masculino, inclusive do pai, conforme o conjunto de caracteres internos e externos que entram na composição da figura; mulheres aguerridas do campo ficcional, como Palas Atena, retratada por Homero, tanto na *Iliada* quanto na *Odisseia*, a Bradamante em *Orlando Furioso*, de Ludovico Ariosto e Diadorim em *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa, ilustram a partir da figuração clássica três personagens oriundas da intersecção entre mito e literatura. Além das guerreiras provenientes do imaginário mítico-literário, figuram também as, segundo Galvão (1998, p. 11), em “carne e osso”, mulheres célebres imortalizadas pela História.

A mulher ilustrada no mito da donzela-guerreira tradicional segue os paradigmas patriarcais, se comporta e se traja conforme homem; além de abdicar dos atributos femininos, assumindo estereótipo masculino, suas leis e propósitos serão não os femininos, mas os masculinos, pois assume o lugar do pai na guerra, a guerra a qual não lhe pertence. Sobre a guerra que não é sua, segue o relato colhido na obra *Grande Sertão Veredas*:

Enquanto os dois monstros vivessem, simples Diadorim tanto não vivia. Até que viesse a poder vingar o histórico de seu pai, ele tresvariava. Durante que estávamos assim fora de marcha em rota, tempo de descanso, em que eu mais amizade queria, Diadorim só falava nos extremos do assunto. Matar, matar, sangue manda sangue (ROSA, 1994, p. 34-35).

Assim como a guerreira Mu-lan, a personagem Diadorim assumiu uma guerra que não lhe pertence, a primeira sucedeu o pai nos campos de batalha, a outra abdicou das ‘fraquezas feminina’ a fim de vingar a morte do seu pai, combatendo pelos sertões lado a lado com um bando de jagunços. Como se pode constatar, a caracterização do disfarce é imprescindível para figuração da personagem guerreira tradicional.

Logo, a donzela-guerreira, normalmente, corta o oculta o cabelo, se veste com roupas masculinas, e assumi o compromisso de não se casar e permanecer virgem. Esses requisitos são indispensáveis para que mantenha resguardado seu grande segredo: ser do sexo feminino (GALVÃO, 1998).

O sacrifício em esconder a sua sexualidade, seja pelo corte do cabelo ou as amarras que comprime seu corpo feminino, podem ser verificados tanto em obras clássicas, como naquelas oriundas da cultura popular. São diversos exemplos da donzela-guerreira na cultura popular, em *A filha do cangaceiro*, de Adalgiso Carlos, se vê muito claramente a faceta da figuração típica da donzela-guerreira, a ocultação dos cabelos:

Assim que ele morreu
Ivone com desespero
vestiu a roupa do pai
disse: no Brasil inteiro
comerão a vingança
da filha do cangaceiro

[...]

Tinha ocultado os cabelos
de uma maneira tal
que o chapéu encobria
não demonstra sinal
de mulher, pois parecia
ser um cangaceiro mal encobria
não demonstrava sinal
de mulher, pois parecia
ser um cangaceiro mal (apud GALVÃO, 1998, p.
171).

O trecho acima retrata a história da enfermeira Ivone, órfã de mãe, e, como também se supõe, de pai, entretanto, no hospital atende um enfermeiro moribundo, este revela ser seu pai e a ela confia à missão de vingar o latifundiário que o desgraçara. Assim como a personagem Diadorim na literatura clássica, Ivone, na literatura popular, ilustra uma faceta contundente em relação à figuração da donzela-guerreira tradicional, pois a “sua potência vital é voltada para trás, para o pai” (GALVÃO, 1981, p. 8). Enquanto for do pai a heroína jamais lutará em favor da sua ‘própria lei’, entretanto, sacrificará a sua vida e propósitos em razão da ‘lei do pai’. Ainda sobre a caracterização, vê-se a importância do disfarce “a arriscada decisão de ocultar as evidências

biológicas e culturais de sua condição feminina, como lance imprescindível à sua composição (OLIVEIRA, 2005, p. 48).

Após ilustrar o mito da donzela-guerreira, em sua forma tradicional tomando como base personagens de autoria masculina, será visualizada agora a donzela-guerreira sob a perspectiva híbrida a partir da personagem Maria Moura, na obra *Memorial de Maria Moura* de Rachel de Queiroz. O romance em perspectiva, na ótica de Xavier (1998), traz consigo um enredo ausente de rígidas fronteiras entre a ordem e desordem.

Maria Moura sintetiza, a partir de suas ações e discurso, a ruptura com o arquétipo feminino idealizado pela família patriarcal de seu tempo. Segundo Xavier (1998, p. 33), “A família aqui corresponde ao modelo hierárquico, baseado na desigualdade e na diferença de privilégios”. Tendo em vista o seu perfil transgressor, a protagonista do romance em tela se posiciona contra a postura machista, além de representar simbolicamente a busca da identidade da mulher que não se apraz com os papéis domésticos impostos pela tradição. Ainda sobre o modelo de família repressivo e opressor, Cardoso (2012, p. 1), destaca que “a sociedade patriarcal tem na dominação tradicional seu estatuto de legitimidade”.

Todavia, o campo de batalha não é um espaço feminino, entretanto, para se introduzir no universo bélico, Maria Moura, conforme argumenta Xavier (1998, p. 39), “Assume os padrões comportamentais masculinos, corta o cabelo, modifica seu visual e dá início a uma existência de aventuras, de marginalidade e crimes”. A protagonista é vista por Xavier como a personagem que se despe da fragilidade feminina simbolizada pelo corte do cabelo, ao assumir as armas e rédeas de um destino forjado pela força e liderança. Além de Xavier, sobre a personagem de Rachel de Queiroz, argumenta Batista (2006, p. 162), “Maria Moura não nasceu com vestimenta de guerra e um grito nos lábios; entretanto, ao assumir a *persona* da guerra, torna-se tão temível como a deusa da sabedoria”.

Sobre a desconstrução do papel tradicional empreendido pela protagonista, Maria Moura não segue o habitual destino assexuado da donzela-guerreira clássica, pois “já adulta, sente necessidade física de se relacionar com um homem. Mesmo sem se deixar conduzir por um sexo oposto” (BATISTA, 2006, p. 166). Maria Moura, a partir dos seus atos e ações, contestou o destino feminino do matrimônio e a suposta proteção que o casamento representa para as mulheres, conforme teoria a

pesquisadora “Maria Moura recusa o destino imposto à mulher pela sociedade e representado por Marialva, sua prima, que traz no nome a pureza ideal” (XAVIER, 1998, p. 39).

Logo, na busca por construção de um mundo melhor, mais justo, a donzela-guerreira tradicional o constrói à base da batalha, munida da espada ou do fogo; todavia, na literatura, mais precisamente aquela escrita por mulheres, pode ocorrer a aparição de donzelas-guerreiras que não se vestem com roupas masculinas ou manejam armas, porém utilizam as palavras como instrumento de transformação para a um mundo melhor. Personagens que não correm veredas montadas a cavalo ou rasgam os sertões empunhando uma arma de fogo, mas conhecem as letras e o poder do discurso, armadas pela perseverança, lutam pelas suas ideias e o bem-estar da coletividade, dentre elas a personagem Raquel.

E eis que surge Raquel: a donzela-guerreira e o poder da palavra

Em *ASP*, a protagonista Raquel questiona os paradigmas socioculturais atribuídos à mulher em seu tempo, promovendo a ruptura com os padrões da sociedade patriarcal. Ainda sobre a protagonista, defende Cardoso (2011, p. 5), “Raquel que, embora muito jovem, possui uma maturação psicológica adversa àquelas aprovadas pelo patriarcado”. O romance inicia quando a protagonista Raquel recebe um convite do tio Ramiro, proprietário da fazenda Fortaleza, a fim de conhecer a família residente no sertão sergipano. A narrativa retorna ao espaço ficcional dos anos 30 de um Nordeste rural, distante dos centros urbanos, à margem da cultura letrada, conservada e patriarcal, espaço de atuação do mandonismo coronelista e sua política dos ‘apadrinhados’.

Com base nos textos literários lidos e teóricos analisados, há de se verificar o primeiro elemento em comum às narrativas das míticas donzelas-guerreiras, seu *locus* de atuação. A *performance* de distintas personagens guerreiras, mesmo pertencentes a diferentes épocas sempre ocorre em um espaço em comum, ou seja, regiões distantes do mundo urbano e dominadas pelo poder rural patriarcal (OLIVEIRA, 2005). Na narrativa, a protagonista transita entre as posses territoriais do tio Ramiro, a moderna fazenda Fortaleza e as primitivas terras do Curral Novo, além do reduto dos operários da usina, encrostada como nas terras do patriarca, pois “a Vila de Santa Clara ficava num vale” (PAIM,

1950, p. 73). Trechos como esses e os que seguem denunciam a amplitude das terras do tio Ramiro, primeiro elemento de adequação ao mito da donzela-guerreira. Sobre o impacto da protagonista ao constatar a amplitude das possessões territoriais e o poder do tio Ramiro sobre os trabalhadores tratados de forma análoga à escravidão, ilustra-se com o próprio romance:

Nos primeiros dias após minha chegada, quando percorria as estradas, desejando unicamente deslumbrar-me com a ondulação dos canaviais, admirava-me da extensão das terras de tio Ramiro [...] A barriga de pele esticada está cheia de terra. Parece obsessão: terra, terra, terra. Nascem e crescem escravos de uma terra que nunca lhes pertencerá, de onde podem ser enxovalhados de um momento para o outro (PAIM, 1950, p. 29-30).

Outro trecho contundente sobre a extensão das terras do tio, com base na ótica da protagonista “[...] da janela da casa grande a vista não alcançava os limites de suas terras, nelas viviam centenas e centenas de pessoas e nelas os sinos tocavam pela manhã e à noite, na vila de Santa Clara, encravada na propriedade feito uma ostra no rochedo (PAIM, 1950, p. 146).

Com base nas passagens destacadas do romance em foco, a amplitude de atuação de Raquel é comum ao espaço das donzelas-guerreiras Diadorim e Maria Moura, portanto, o romance *ASP* reúne condições para a *performance* guerreira da protagonista, pois “predomina uma estrutura de poder semifeudal, com condições sociais petrificadas e atreladas às oligarquias rurais e ao mandorismo dos coronéis [...], também expressão máxima do *páter-família*” (OLIVEIRA, 2005, p. 21).

Na exposição acima, Oliveira aponta alguns elementos imprescindíveis concernentes à atuação da donzela-guerreira. O primeiro elemento merecedor de destaque em *ASP* é a estrutura do poder semifeudal do tio Ramiro; sob seu comando estão submissas, a princípio, todas as personagens da trama que vivem e dependem de seu latifúndio açucareiro:

Todos viviam em função do canavial e da Usina e nem o canavial nem a usina lhes pertenciam, como não lhes pertenciam à casa que os abrigava e o chão que pisavam. Tendo acabado há muito a escravidão, não eram donos de si mesmos, pertenciam ao senhor da terra como os bois,

cabras e galinhas que estavam dentro da cerca de arame farpado, nos limites da propriedade (PAIM, 1950, p. 155-156).

Além do ‘monopólio’ sobre a vida dos trabalhadores, como oligarca rural todo poderoso, a Igreja e a Lei também estão ao seu dispor, ilustrados conforme os respectivos trechos em sequência:

Padre Filadelfo esquecia-se de suas obrigações, entregues as questões que fugiam de sua alçada. [...] Montado num burro, percorria as estradas de batina surrada e ruça de poeira, de casa em casa, enchendo os ouvidos e as lamúrias de todo vagabundo que lhe surgia pela frente. [...] Chegou ao extremo de vir à frente de uns quarenta trabalhadores, num domingo à tarde em que tínhamos visitas, reclamar salário, queixar-se de que o trabalho dos homens nos canaviais era desumano, de sol a sol, e de outros absurdos (PAIM, 1950, p. 82-83).

Além da Igreja, o poder do tio Ramiro se estende sobre a justiça. O trecho em destaque relata a prisão arbitrária da personagem Hilário:

Nos dias seguintes Hilário haveria de estremecer na cadeia, sacudido pelo acesso de paludismo, tendo à mostra o peito ossudo e as costelas salientes como armação de gaiola. [...] Compreendi que além de dominar a família as centenas de pessoas que lhe povoavam as terras, a sombra do patriarca se estendia sobre a justiça e a religião, porque a cadeia e a igreja de Santa Clara estavam encravadas na Usina Fortaleza como num rochedo (PAIM, 1950, p. 258).

Coadunado com Oliveira, o romance em tela congrega um claro cenário para a atuação da donzela-guerreira, o ambiente rural semifeudal e oligárquico, imprescindível para a realização de tarefas e o enfrentamento de inúmeras situações perigosas. Tal espaço repleto de provações, lutas e aventuras corresponde ao *locus* propício à heroicização de Raquel; assim como as demais donzelas-guerreiras, ela “teima em não se submeter à tutela dos mandatários locais [...] o caráter opressivo e o atraso econômico e social dos espaços em que se desenrolará o drama da donzela-guerreira, que também enfrentará diversos obstáculos à sua realização pessoal” (OLIVEIRA, 2005, p. 27).

Ao constatar a força do latifundiário, em conversa realizada entre Raquel e a personagem Leonor, sua prima, elas buscam uma palavra que melhor caracterize o opressor tio Ramiro:

- Sabe? desde que cheguei minha preocupação é encontrar um nome que defina tio Ramiro.
- E achou?
- Parece que sim. Ele é um patriarca, domina a família inteira – os irmãos, os filhos, genros, netos e sobrinhos.
- É pouco, Raquel. Ficaria mais acertado se você tivesse escolhido...
- Qual?
- Este, por exemplo – senhor feudal.
- Senhor feudal!
- Isto mesmo, vovô age como um senhor feudal.
- [...]
- Mas Leonor tem razão, tio Ramiro vai mais longe, sua vontade dobra centenas de vidas e vidas de estranhos. [...] Patriarca não diz tudo, Leonor tem razão (PAIM, 1950, p. 58-59).

Reforçando a argumentação de Oliveira sobre o *locus* propício para a atuação da donzela-guerreira com base nos trechos da obra, em *Casa Grande e Senzala*, Freyre (1998, p. 17), teoriza que “a sociedade colonial no Brasil, principalmente em Pernambuco e no Recôncavo da Bahia, desenvolveu-se patriarcal e aristocrática à sombra das grandes plantações de açúcar”. Sobre o poder patriarcal, em *O poder rural na ficção*, Heloisa Toller Gomes (1981, p. 71) defende a tese na qual “o poderio econômico decorre, pois da combinação dos seguintes elementos: escravos – terras, casa-grande – plantação. Uma vez obtida a segurança econômica [...] consolida seu poder”.

Outros elementos recorrentes na composição da donzela-guerreira são a ocultação dos cabelos e o travestimento. Sobre o travestimento, Galvão (1998), destaca a necessidade a ocultação da ‘feminilidade’, pelas roupas na composição da personagem guerreira, pois só assim a mulher será respeitada pelos demais camaradas, fato observado nas aventuras de Diadorim e Maria Moura. Em relação ao outro elemento para a sua figuração, a ocultação dos cabelos, a fim de substituir o pai no campo de batalhas – local eminentemente masculino, a fim de resguardar a identidade feminina da personagem guerreira.

Na obra em foco, isto é, em *ASP* não há alusão ao cabelo, assim como as vestimentas da protagonista, porém Raquel é descrita apenas

como uma jovem cuja determinação é incomum às demais personagens; semelhante às demais donzelas-guerreiras aqui ilustradas, a sua força não é a física, mas aquela proveniente da palavra e, portanto, das convicções pela luta por um mundo melhor. Outro elemento recorrente na composição da donzela-guerreira é a filiação, tradicionalmente a “Sua potência vital é voltada para trás, para o pai; enquanto ela for do pai, não tomará outro homem” (GALVÃO, 1981, p. 9).

Assim como as roupas masculinas e o corte do cabelo, a filiação é o outro elemento imprescindível para a figuração da donzela-guerreira tradicional, a exemplo de Palas Atena, pois a deusa na concepção de Galvão (1998, p. 12), é “filha de pai sem curso de mãe”. Além do relato mítico da filiação na Grécia Clássica, na literatura brasileira também é possível verificar a íntima relação entre pai e filha; Diadorim é órfã de mãe e filha de um grande chefe guerreiro, “– ... Pois a minha eu não conheci... – Diadorim prosseguiu no dizer” (ROSA, 1994, p. 51).

Tal como Diadorim, Maria Moura, apesar da mãe viva, nutre uma íntima relação com a memória do pai, como se pode constatar na voz da própria personagem “quando Pai morreu, eu não era tão pequena assim. Nunca me esqueci de Pai” (QUEIROZ, 2010, p. 5). Ambas assumem uma guerra que lhes pertence, portanto, guerreiam pela lei do pai. Nesse sentido, a imbricada relação entre pai e filha metaforiza o princípio da partenogênese, ou seja, “os sinais de uma imaginária partenogênese masculina aí estão um homem dá à luz sem intervenção de mulher. Ao mesmo tempo, o rebento nunca romperá o pacto com o pai” (GALVÃO, 1981, p. 20).

Em relação à filiação do mito tradicional, é possível constatar que Alina Paim evoca o mito primitivo sob uma nova ‘máscara’, a da transgressão ao mito tradicional. Enquanto as heroínas Palas Atena, Diadorim e Maria Moura são gestadas pelo ‘mundo do pai’, Raquel tem duas mães, a biológica e a simbólica. A ‘primeira mãe’, Julinda, lhe deu a ‘carne e o sangue’, Raquel a ‘segunda mãe’, a amante de seu Alfredo, seu pai, foi responsável pela ‘alma’.

Em *ASP*, verifica-se no trecho colhido na obra, a poética passagem sobre a filiação de Raquel, a partir do relato da própria protagonista “mamãe me deu a sua carne e seu sangue, e com o nome papai me quis dar a alma da outra – a alma de Raquel” (PAIM, 1950, p. 150). Ainda sobre a filiação, outro elemento importante na figuração tradicional é a íntima relação estabelecida entre pai e filha; enquanto o pai das heroínas Palas Atena, Diadorim e Maria Moura são figuras fortes,

belicosas, entretanto, sobre Alfredo, dirá Raquel “perto de mim, nestes longos anos, tenho visto sempre o vulto de meu pai, retraído e trabalhador, sem saber demonstrar-me afeição talvez por timidez” (PAIM, 1950, p. 149).

Ao contrário das outras guerreiras, a potência de Raquel não é voltada para o pai, logo não há pacto firmado. Mesmo Raquel não firmando o pacto com o pai, apresenta uma força guerreira, na “luta de Raquel contra a forma abusiva e opressora de Ramiro lidar com as pessoas, e, em especial, com as mulheres, cativas dos seus caprichos, vontades e poder” (CARDOSO, 2012, p. 3). Novamente sobre sua força e determinação, “Raquel expurga os papéis femininos tradicionais para questionar e propor novas construções identitárias, uma vez que não aceita a submissão ao mando patriarcal nem à exploração capitalista de Tio Ramiro” (GOMES, 2014, p. 22). Ao expurgar os papéis femininos defendidos pelo pesquisador, Raquel passa a figurar uma donzela-guerreira com um novo sentido, sob uma perspectiva diferenciada, a partir de uma nova representação de força, não mais a física ou bélica, mas a da palavra, essa nova direção aponta para o autoconhecimento feminino; afinal, consciência é poder, como se pode comprovar no discurso da jovem protagonista:

– Tio Ramiro, – continuei o desafio – a mulher pode competir com o homem e vencer em qualquer coisa para que tenha vocação. Pode ser médica, advogada e até engenheira, apesar de muitas dúvidas sobre suas aptidões.

[...]

– As coisas mudaram muito, tio Ramiro, a sua maneira e encarar a situação da mulher está atrasada, atrasada de muitos anos (PAIM, p. 46-47).

Conclusão

O romance *ASP*, aparentemente se ocupa em ilustrar as férias de protagonista Raquel nas fazendas do rico tio Ramiro. Entretanto, a obra nos apresenta uma literatura comprometida com a denúncia, principalmente, da exploração e despotismo dos mais poderosos sobre os francos, em particular as mulheres. Assim sendo, na luta pela construção de um mundo justo, equânime entre homens e mulheres, a donzela-guerreira Raquel, ao contrário das donzelas-guerreiras

tradicionais e híbridas, não monta a cavalo ou maneja arma de fogo, porém, utiliza a palavra como instrumento de transformação para a um mundo melhor: o diálogo, eis a sua grande ‘arma’!

Portanto, com base na atualização e remitologização do referido mito, Alina Paim, traz à baila literária a partir das ações progressistas de Raquel, a metáfora da donzela-guerreira com um novo sentido, sob uma perspectiva diferenciada, a partir de uma nova representação de força, não mais a física ou bélica, mas a da palavra, essa nova direção aponta para o autoconhecimento feminino. Com essa ‘guerreira’ (Raquel) em voga, a romancista rompe com o modelo patriarcal, demonstrando o seu posicionamento literário, consciente do poder das mulheres transgressoras.

Referências

BATISTA, Edilene Ribeiro. **Fragilidade e força: personagens femininas em Charles Perrault e no mito da donzela guerreira**. Brasília, DF: Éclat, 2006.

CARDOSO, Ana Maria Leal. Deusas, bruxas e serpentes: as faces do feminino na ficção de Alina Paim. **Anais do SILEL**. vol. 2. n. 2. Uberlândia: EDUFU, p. 1-11, 2011. Disponível em: <http://www.ileel.ufu.br/anaisdosilel/wp-content/uploads/2014/04/silel2011_1895.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2017.

CARDOSO, Ana Maria Leal. O descentramento da mulher em A sombra do patriarca, de Alina Paim. **Anais do Seminário Nacional Mulher e Literatura, Seminário Internacional Mulher na Literatura**. Ilhéus: UESC, 2012.

CARDOSO, Ana Maria Leal. Os mitos e seus ensinamentos através dos tempos. In OLIVEIRA, Luiz Eduardo; SANTOS, Josalba Fabiana dos (Org.). **Literatura & Ensino**. Maceió: EDUFAL, 2008, p. 129-143.

ELIADE, Mircea. **Mito e realidade**. Tradução Pola Civelli. São Paulo: Perspectiva, 1972.

FRYE, Northrop. **Fábulas de identidade: ensaios sobre mitopoética**. Tradução Sandra Vasconcelos. São Paulo: Nova Alexandria, 2000.

GALVÃO, Walnice Nogueira. **A donzela-guerreira: um estudo de gênero**. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 1998.

GALVÃO, Walnice. **Gatos de outro saco: ensaios críticos**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

GOMES, Carlos Magno Santos. Escritoras marginalizadas. **Caligrama: Revista de Estudos Românicos**, Belo Horizonte, v. 19, n. 1, p. 23-38, 2014. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/caligrama/article/view/5408>>. Acesso em: 10 jul. 2017.

GOMES, Heloísa Toller. **O poder rural na ficção**. Ensaios 68. São Paulo: Ática, 1981.

NUNES, Benedito. **A clave do poético**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

OLIVEIRA, Valdeci Batista de Melo. **Figurações da donzela-guerreira: Luiza homem e Dona Guidinha do Poço**. São Paulo: Annablume, 2005.

PAIM, Alina. **A sombra do patriarca**. Rio de Janeiro: Editora Globo, 1950.

ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão: Veredas**. São Paulo: Editora Nova Aguilar, 1994.

XAVIER, Elódia. **O declínio do patriarcado: a família no imaginário feminino**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1998.

Recebido: 30/06/2017

Aprovado: 13/08/2017